

Revista EDUCAMAZÔNIA - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 3, Vol 1, jan-jun, 2010, Pág.106-136.

IDENTIDADES NEGRAS

Ednailda Santos

RESUMO: Este artigo é resultante de um dos capítulos da minha dissertação para titulação de Mestrado, uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, financiada pelo CNPQ e concluída em abril de 2010. Investiguei as trajetórias acadêmica e profissional de docentes negra(o)s que se destacaram nesta Universidade. Para tanto, a abordagem biográfica – história oral de vida - foi a metodologia aplicada. Filmei o depoimento de cinco docentes, três do sexo feminino (duas mestras em Educação e uma doutora em Serviço Social) e dois do sexo masculino (um especialista em Educação e um mestre em Ciências Sociais), a partir de um roteiro semi-estruturado. Os objetivos propostos são dar visibilidade aos docentes negra(o)s, desconstruir a idéia vigente da inexistência da presença negra no Amazonas e analisar o processo de construção e reconstrução das identidades negras desta(e)s docentes. Concluo apontando a necessidade de implementação de um programa de combate ao racismo institucional e uma ampla reforma curricular numa perspectiva de reeducação das relações etnicorraciais na UFAM.

Palavras-chave: Identidades negras. Docentes negra(o)s. Educação das relações etnicorraciais.

BLACK PEOPLE'S IDENTITIES

ABSTRACT: This article is the result of one of the chapters of my dissertation for the title of Master in Sciences, a survey conducted at the Federal University of Amazonas (UFAM) through the Graduation Program of the Education College, supported by CNPq and completed in April 2010. I conducted a research on the academical and professional trajectories of black professors that gained good reputation in this University. To achieve this goal, the biographical approach - oral history of life - was the applied methodology. I recorded the testimony of five professors, three females (two masters in Education and a PhD in Social Assistance) and two males (one Education specialist and a master's degree in Social Sciences), based on a semi-structured questionnaire. The proposed objectives are to give visibility to black professors, to deconstruct the idea about the lack of black presence in the Amazon and analyze the process of construction and reconstruction of the identities of those black professors. Therefore, my conclusion points out to the need of a program implementation to deal with institutional racism and a broad curriculum reform under a perspective of rehabilitation of relations at ethnic-racial UFAM.

Keywords: Black people's identities. Black professors. Education of ethnic-racial relations.

No contexto da mestiçagem, ser negro possui vários significados, que resulta da escolha da identidade racial que tem a ancestralidade africana como origem (afro-descendente). Ou seja, ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra. Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura. Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso, considerando-se que os modelos “bons”, “positivos” e de “sucesso” de identidades negras não são muitos e poucos divulgados e o

respeito à diferença em meio à diversidade de identidades raciais/ étnicas inexistente. (OLIVEIRA, 2004, p. 57)

Ao investigar as trajetórias acadêmica e profissional de alguns docentes negra(o)s da UFAM me propus a analisar o processo de construção, desconstrução e reconstrução das identidades desta(e)s docentes negra(o)s. Assim sendo, durante o desenvolvimento desta pesquisa elegi identidades como a categoria principal. Identidades no plural devido a sua diversidade, como de gênero, de classe, de categoria profissional e étnico-racial. Eu parto do pressuposto de que o movimento dialético inerente às histórias de vida desta(e)s docentes foi o fator preponderante no processo de construção das identidades dela(e)s. Assim, são considerados neste percurso os pertencimentos sociais, econômicos e culturais que forjaram suas identidades nesse movimento constante e conflitante característico às diversidades da sociedade brasileira. Identidades que ora se sobrepõem, ora se complementam, visto que elas não são estanques, mas que estão num eterno devir. Contudo, o que me interessa realmente é a identidade étnico-racial, particularmente a identidade negra ou as identidades negras, pelo fato de eu assumir uma identidade negra, assim como as minhas e os meus depoentes.

Ao analisar o processo de construção das identidades da(o)s docentes depoentes recorro às teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas contemporâneas que alicerçam os processos educativos, no contexto histórico dos desafios amazônicos. É uma tarefa ousada, inovadora e, justamente por isso, inacabada. É uma problemática complexa, para além dos processos educativos, mas é tarefa dos educadores se debruçarem sobre ela. É um desafio, também, amazônico, a temática étnico-racial de corte negro, para dar visibilidade às populações negras no Amazonas. E aqui estamos nós, docentes negras e negros, para marcarmos nossa visibilidade.

As relações raciais no Brasil são permeadas por conflitos históricos devido às intrincadas relações econômicas e políticas que formaram a nossa sociedade. Portanto, a constituição das identidades da(o)s negra(os) deste país perpassa por esta rede de relações sociais e raciais, extrapolando-as e alcançando os patamares intrapsíquicos pertinentes à formação do inconsciente individual. Nesse patamar considero fundamentais as contribuições de Guerreiro Ramos para compreender os meandros da formação da identidade da(o) negra(o) brasileira(o). Isso porque este autor, ao analisar as ciências sociais de sua época, internacional e nacional, foi o pioneiro na elaboração de uma Sociologia do Negro no Brasil, sem a qual, tentar explicar a situação das populações negras brasileiras, seria inócuo. E o mais importante é que Guerreiro Ramos, vai, além disso, ao propor os fundamentos para uma Psicologia do Negro brasileiro, ferramenta imprescindível na compreensão da assunção ou não de uma identidade negra, um dos propósitos deste trabalho. Este sociólogo negro, proscrito, rompe com as fronteiras do seu tempo. Isolado intelectualmente, como a maioria de nós, docentes negras e negros, investe contra vários intelectuais estabelecidos na academia brasileira, brancos e não-brancos, apontando alternativas inusitadas para a problemática do negro no Brasil.

Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo a sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal — eis aí toda uma propedêutica sociológica, todo um ponto de partida para a elaboração de uma hermenêutica da situação do negro no Brasil. (RAMOS, 1954, p. 24)

Fanon (2008), assim como Guerreiro Ramos (1954), traz à tona elementos da psicologia social recorrentes à ideologia do dominador no processo de colonização e escravização dos povos africanos. Estes elementos são importantes ao entendimento das questões identitárias e de como o colono, paulatinamente, passa a negar a sua cultura para introjetar a cultura eurocêntrica dominante. A discriminação negativa

dos valores africanos vai remodelando a identidade da(o) negra(o) colono e sua auto-estima torna-se baixa diante da hierarquização das etnias imposta pelos colonizadores europeus. No Brasil ocorre um processo semelhante.

Assim, no inconsciente coletivo nacional construído, tudo que está relacionado ao negro é negativo, ruim e vil. E pior, como afirma Fanon (2008), destituí-se a(o) negra(o) da essência do ser humano. Daí, construir uma autoimagem positiva, após séculos de opressão e exploração, num processo de reconstruo identitária requer um acúmulo de forçs, movimentos e conhecimentos humanos e /ou para além deles. Portanto,

A análise que empreendemos  psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienao do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econmicas e sociais. S há complexo de inferioridade após um duplo processo: - inicialmente econmico; - em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermizaço dessa inferioridade. (FANON, 2008, p. 28)

Por isso é fundamental considerar a relao entre a cor de pele e a questão econmica no processo de construo da identidade da(o) negra(o) brasileira(o), enquanto elementos que se justapõem.

Munanga (1999) situa a questão da formação da identidade negra no Brasil paralelamente  formação da identidade nacional, cujo processo passaria pela eliminação das diversidades étnicas e biológicas, ou seja, pelo processo de mestiçagem ou miscigenao, processo que resultou no mito da democracia racial.

Um mito visto que as desigualdades sociais, econmicas, políticas e educacionais entre negros e brancos existem e foram demonstradas historicamente ao longo de estudos pioneiros, desde Hasenbalg (1979) até os dias atuais com Theodoro (2008), evidenciando a inexistência da democracia racial brasileira.

O que significa dizer que a identidade, apesar de ter um caráter universal, é construída localmente e, no caso específico, é necessária a contextualização do processo de constituição da identidade da(o) negra(o) brasileira(o). Ou seja, essa herança coletiva, histórica, econômica e política, é um marco referencial no desenvolvimento da identidade étnica individual. A identidade negra é construída e reconstruída nesse movimento entre a universalidade e a particularidade, na conjugação entre o coletivo e o particular.

No entanto, me interessa, principalmente, o conceito de identidade que diga respeito também à qualidade de relação, ao grau de compromisso ou ao modo como a pessoa se identifica com seu grupo racial (Helms apud Ferreira 2009). Isso pelo meu próprio grau de envolvimento com a questão e porque durante a realização desta pesquisa o meu conceito prévio de identidade foi, também, se modificando e um questionamento foi se fixando, que é descobrir a causa da assunção ou não de uma identidade, o que nos remete ao campo das opções e escolhas, um campo eminentemente político, o qual não é o objetivo desta pesquisa.

Então, vejamos o que nos dizem nossos depoentes acerca do processo de construção das identidades étnico-raciais delas e deles.

Quem sou eu?

Sou Elenir da Conceição Lima Nicacio, da Conceição foi herança do meu avô baiano, Lima, herança dos meus avós do Maranhão. Não conheci nenhum deles, mas a sua contribuição foi muito forte na minha vida. Sempre me perguntam de onde sou. Parece que não me identificam com o povo de Manaus. Terra onde nasci.

Sou Heloísa Helena Correia da Silva. Sou graduada em Serviço Social, portanto a minha profissão, já que no Brasil o que determina a profissão é a graduação, a minha profissão é assistente social e tenho mestrado em Serviço Social, em Prática Profissional e Teoria e doutorado em Teoria do Serviço Social, Política Social e Movimentos Sociais.

Eu sou Isaac Lewis. Meu nome é devido ser descendente de barbadianos. Nasci no Belém do Pará em 1939. Depois nos mudamos, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão para o Rio de Janeiro em 1948, durante a Guerra e praticamente eu me criei no Rio de Janeiro. Depois saí do Rio de Janeiro, andei um pouco pelo Brasil, depois me estabeleci aqui em Manaus.

Eu sou Luiz Antonio, sou professor de Sociologia da UFAM, Universidade Federal do Amazonas, um paulistano de origem, mas que fez a opção de vir pra Manaus ainda moleque. Na sétima série eu tive aulas com um professor que me apresentou a sociologia, ele era professor de História, me apresentou a Sociologia. Então eu decidi: quando eu crescer eu quero ser sociólogo. E eu tive uma professora de geografia, que falava muito das populações, que a gente pode chamar hoje de populações tradicionais, ela falava muito de um outro modo, em especial, ela enfatizava a população amazônica e a população nordestina com as suas características, suas dinâmicas, etc. Então eu optei: eu quero fazer sociologia e quero trabalhar no norte ou no nordeste. Fui fazer a graduação, eu fiz minha graduação em Marília, na Unesp, no campus de Marília, no interior de São Paulo e em seguida eu fui, fiz o concurso público e vim pra Manaus. Vim pra Manaus em 92 pra exercer a docência.

Eu sou Valdete da Luz Carneiro, filha de Francisca Carneiro de Eloá, uma mulher pequenininha, mas muito valente. (Risos) Morreu agora em 2005 aos noventa e um anos. Foi uma mulher que muito lutou e acreditou na possibilidade da educação dos filhos. Então, eu devo muito a ela o que sou hoje. E de Matias Sebastião Carneiro, meu pai, um homem muito alto, bonito, negro. Filho da Luisa de Jesus Carneiro, descendente direta de escravos. Maranhense. Uma mulher que viveu lá no Amazonas. Veio do Maranhão aos quinze anos, já grávida de meu pai e foi morar no alto do rio Negro. Meu pai nasceu em Vaupés, lá em São Gabriel da Cachoeira. Então, ela foi empregada doméstica, lavadeira. E uma mulher que viveu cento e seis anos. Eu nasci na Rua do Matadouro, que hoje chama-se Oswaldo Cruz. Depois, o matadouro, desde 74, 76, foi retirado e passou pra outro lugar e hoje nesse lugar é a Funasa que agora também vai sair (risos) de lá, dentro de um projeto que o governo do Estado tem, o Prosamim, que todas as casas que estão abaixo do igarapé do São Raimundo, elas vão ser retiradas.

Ao autodefinir-se cada depoente elege as categorias que marcam a identidade de cada um. Para alguns, a identidade profissional está em primeiro plano. A maioria das falas delimita sua origem, o lugar onde nasceu ou de onde veio. No geral, são objetivos, pouco expansivos e até mesmo contidos ou precavidos, o que está relacionado, também, ao ambiente de trabalho, local onde narraram os depoimentos.

Nota-se também, em geral, a ausência de uma referência étnico-racial nas definições. O que me fez prosseguir com a questão seguinte.

O que entendo por identidade negra?

O que eu entendo por identidade negra. Sei que sou a partir da origem, Bahia e Maranhão. Ah, não conheci meus avós, mas convivi com tios e tias, principalmente tias, mulheres trabalhadoras, esforçadas, alegres, bonitas. (Pausa) Seu saber e seu fazer nas cozinhas de pessoas especiais, especiais no sentido de que ajudavam, no sentido de que respeitava e contribuía com o ensino da prática daquilo que se fazia. Eu mesma enquanto morando em casa de família, como nós dizemos, tive o privilégio de ajudar numa cozinha de uma senhora que escreveu dois livros maravilhosos sobre culinária. Livro esse que eu entendo como um tratado de sociologia da alimentação, a situação de servir o alimento, tudo aquilo que envolve o contexto da alimentação. (Pausa) Não fora essa trajetória, numa docência, eu teria a trajetória dos meus ancestrais, minha mãe, minhas tias, irmãs, trabalharam também como domésticas e isto ainda faz muito parte da nossa identidade negra, servir, servir, mas servir bem! Servir com alegria. (Prof^a. Elenir)

O que eu entendo por identidade negra? Olha. (pausa). Aqui (diminui tom de voz) vez por outra eu sou procurada pelos meus colegas dos movimentos, sobretudo agora que o movimento, o Fórum Permanente que discute as questões de negritude na Amazônia, que é o FOPAAM e com eles (aumento do tom de voz) eu estive visitando a direção da Universidade Federal do Amazonas para discutir as cotas. Foi essa a discussão. E aí, o reitor aqui da Universidade, o professor Hindenberg olhou pra gente e disse assim: quais serão os critérios para vocês estabelecerem se uma pessoa é negra ou não? E por enquanto no Brasil, o que se põe é a cor da tez. Aliás, é a cor da tez que faz com que algumas pessoas sejam afastadas, que fez e que faz!

(ênfase). Ah, então, justamente será a cor da tez que fará com que essas pessoas, elas sejam aproximadas. Então, eu sei que ela vai para além disso. E quando eu falo para além disso, a gente precisa ter muito cuidado, muito cuidado. Porque a identidade negra ela é eivada de uma cultura belíssima, e essa cultura além dela ter sido arrancada da população de tez escura, de cor preta, ela foi absorvida e retrabalhada pela cultura dominante. Então, eu acho assim, que a identidade negra ela pode ser usada historicamente para uma reviravolta pela cultura dominante para continuar o processo de dominação, ela vem no sentido de desqualificar aquelas pessoas de tez negra ou que não conhece sua própria cultura ou não se identifica com aquilo que há de mais belo no mundo em todos os setores da sociedade. Nós vamos ver as religiões, os rituais. O que eles copiaram dos rituais do continente africano de um modo geral. Quer dizer então, isso aí já está retornando como uma forma de dominação. A gente vê o que a gente não via. Eu era criança na década de 70, a mãe-de-santo de cor clara, de tez clara, não se via. Hoje são *n* mãe-de-santo, pai de santo, que estão lá, que se apropriou da cultura. Não é? Porque tem dois processos, eu vejo que são dois processos. E foram quinhentos anos? Vamos dizer, no mínimo trezentos anos, de destituição, de corte, não é verdade? E que essa população passou a absorver outras culturas e esse povo que fez essa destituição, sabendo que a mentira não vai por muitos anos, sabendo também que o movimento da história, dele a gente não foge e veio mais rápido do que muitos imaginavam. O desvelar de uma série de verdades para o mundo. Quer dizer então, quando essas verdades elas estão sendo desveladas, aquela população que foi tolhida de ter acesso à sua cultura, ela já vai ser desqualificada porque ela não conhece a sua cultura. Existe um antropólogo, que queimaram seus livros, que dizia que os negros que habitavam ali, a costa brasileira, sobretudo ali onde é hoje o estado de Pernambuco,

nos anos de 1700 não conheciam o milho. Óbvio, foi tirado deles. Foi tirado deles. Então, hoje, por exemplo, seria muito comum a gente chegar para uma menina negra no Brasil e perguntar se ela conhece os dezessete orixás existentes nas religiões de origem africana. Ela não vai conhecer porque houve, na realidade, nesses séculos de dominação, houve na realidade um processo de aculturação, com um processo também, para essas populações, de que aquilo ali não prestava, que aquilo ali era do demônio, que aquilo ali era.... Então, quer dizer, hoje essa, digamos assim, essa classe dominante, ela também, na sua (pausa), sei lá, quinquagésima ducentésima geração, ela também vai reproduzir isso, mas o reverso da moeda. Eu não sei se eu estou me fazendo entender. Hoje a tua cultura que é bonita, que é reconhecida pelo mundo inteiro, (nfase) não é mais tua (aumento do tom de voz),  minha! Não ? Porque tu s um incapaz de entender aquilo. Nunca vão dizer que os seus antecedentes foi que tiraram deles. Mas é que você é incompetente, que você tem dificuldade para pensar (diminuindo o tom de voz), que você tem dificuldade de refletir. Então, a reflexão como alguma coisa atribuída à civilização ocidental, será ela que será a responsável de desvelar a maravilha da cultura negra! Então, quer dizer, a identidade negra ela requer um estudo e absorção, também, de todos esses valores na sua raiz. Quer dizer, então, a identidade negra pra mim, ela vai resgatar toda essa, essa beleza que está na cultura no continente africano, é um continente muito amplo, muito rico, muito diverso, também. Mas, sobretudo,  entender as metamorfoses ocorridas na cultura dos negros que moram no Brasil, que não é muito diferente da cultura dos negros que moram na América do Norte. Agora l, como eles sofreram e motivaram uma série de cisões, talvez a autoestima deles seja uma autoestima mais, , trabalhada. Mas eles também buscam hoje uma

aproximação com as raízes africanas, com fins de também ter uma sustentação naquilo que eles desenvolvem no seu país de origem. (Profª. Heloísa)

É, o que eu entendo por identidade negra. Então essa pergunta, também, eu penso que ela é bem complexa, não é uma pergunta pra ser respondida por que isso vai depender muito da percepção de cada pessoa, branca, negra, mulata, índio e como ele se percebe, e como ele percebe o outro. Então no meu caso têm umas variáveis que eu tenho que colocar, eu tenho que falar sobre essas variáveis antes. Na primeira questão, como eu falei no início, eu sou filho de barbadianos e eu nasci num tempo, 1939, em Belém, onde havia muitos barbadianos, Belém, Manaus e Porto Velho. Então o que que acontecia em Belém, por exemplo, eu penso que em Manaus também, porque eu conversei com outros descendentes de barbadianos aqui em Manaus, e também conversei com barbadianos em Porto Velho, descendentes de barbadianos em Porto Velho e parece que aquilo que eu percebi em relação aos barbadianos de Belém, se bem que eu percebi isto mais tarde, na adolescência, eu saí de Belém com dois anos de idade, é de que os barbadianos, eles viviam em grupos fechados, em relação às outras etnias brasileiras, tanto negros, quanto os mulatos, quanto os brancos. Na verdade, eles viviam muito entre si, falavam inglês entre si e muitas vezes eles se orgulhavam de ser ingleses, de ser britânicos, e, justamente por causa disso, eles também tinham suas idiossincrasias. E então, tomando como exemplo, meu pai, minha mãe, e alguns barbadianos da minha família, a primeira coisa é que eu quero dizer é o seguinte, os barbadianos negros, se percebem como negros, eles como negros, eles tem uma, uma ação e reação em relação ao mundo em volta deles que eu, eu não sei se eu posso falar assim, de

uma maneira, assim, um pouco responsável, mas a impressão, percepção, é de que os barbadianos negros, eles se percebiam, percebiam a relação deles com os brancos, por exemplo, ingleses, um pouco diferente da relação dos negros brasileiros em relação aos brancos brasileiros. É claro que essas idiossincrasias em relação aos barbadianos, os barbadianos têm tudo aquilo que todas as colônias têm, colônia portuguesa, a colônia francesa, a colônia holandesa e a colônia inglesa, nós temos. O que é que nós temos? Nós temos aquela reação em relação ao europeu, principalmente em relação ao branco da metrópole, em que muitas vezes nós, alguns de nós, negros barbadianos, tomando como exemplo, às vezes nós, é, vemos o, o, branco inglês, uma pessoa assim, um pouco superior, com excesso de respeito, mas há também aqueles barbadianos que vêem o branco, o branco inglês como adversário, que vêem assim, o branco inglês como o competidor e quer se igualar ao branco inglês. Então, isso tem muito na colônia britânica. As próprias histórias, depois eu fui tomar consciência na Guiana Inglesa, que houveram muitas histórias dessas competições em que o negro quer se igualar, quer mostrar que é igual ao inglês. E, então, o barbadiano, muitas vezes, ele quer seguir essa relação do branco brasileiro, quando, quero dizer, o negro brasileiro ou o branco brasileiro, há assim, uma relação muito de subserviência. Não quer dizer que não exista essa relação de subserviência no mundo da Colônia Inglesa, existe também, mas lá também existe aquela relação, um pouco de competição, entre as raças. Então eu venho de uma família em que essas duas posições dos negros estavam presentes, é, ou meus tios, meu pai, minha mãe, minhas tias, tudo por causa das próprias condições de vida que levava a este tipo de, de, vamos dizer de reações ou ações. Então, identidade negra, no meu caso, na nossa família, é, na verdade o orgulho de ser negro,

muito antes de nós ouvirmos essa palavrinha orgulho negro, nós nos orgulhávamos de ser negros e não nos sentíamos envergonhados de ser negro. Então, nós fomos educados, por meu pai, a cuidar das nossas vidas, a nos preocupar em conquistar os nossos postos, os nossos direitos e fazer os nossos deveres, também. Isso daí também era muito incutido na gente, é cumprir com as nossas obrigações, os nossos deveres, se nós assumíamos um compromisso nós tínhamos que cumprir com aquele compromisso. Então, a nossa educação foi muito assim. Então, a identidade negra pra mim, desde o início, foi de reconhecer que eu sou negro e que no mundo existem outras pessoas não-negras e que as nossas relações são relações que podem ser de amizade, se o outro manifestar amizade conosco, e também pode ser de ódio, pode ser de raiva, pode ser de inimizade, se o outro manifestar inimizade conosco, e dentro das nossas percepções pode ocorrer, tanto com o branco, com o negro, com o mulato, com o índio, isso vai depender muito dessa reação do outro conosco. Então, a relação nossa era, mais ou menos, assim. E a identidade negra pra nós era, na verdade, é fazer um pouco, cumprir com as nossas obrigações tanto quanto os outros, também, devam cumprir com as suas obrigações e com respeito com o outro. Sempre nos foi ensinado dentro da nossa família. Agora, é claro que a gente, eu podia falar muito sobre isso, em relação, também, a questão da ideologia, do mundo britânico, a ideologia do colonizador, do imperialismo britânico estava presente, no comportamento do meu pai, da minha mãe e que eu tive de lutar muito contra eles, pra mostrar pra eles que os ingleses eram tão racistas quanto os alemães, quanto os nazistas. Então, é claro que isso aí é uma outra história que nós teríamos que nos debruçar. Agora, como é que nessa situação de identidade negra, a gente tenta agir no mundo? É

valorizar tudo aquilo que é negro, toda a cultura negra, todas as sociedade negras, me sentir solidário com todo o sofrimento dos negros no mundo todo. Mas é claro que à medida que nós vamos fazendo leituras do mundo e de textos, nós vamos ver que, na verdade, não só o negro foi espoliado, nós nos damos conta, também, que no Brasil os índios foram tanto ou quanto espoliados quanto os negros brasileiros, nós nos damos conta que o negro britânico, o negro francês, o negro holandês, o negro alemão na África e o negro brasileiro, todos eles foram espoliados pelos seus respectivos colonizadores. Daí, no meu caso, por exemplo, essa, desde o início da minha vida acadêmica, desde o início das minhas leituras, essa, esse compromisso, de tentar participar junto com outros negros brasileiros, da Guiana, mesmo, eu já estive na Guiana também, conversando com outros negros, da nossa identidade, da nossa luta. (Prof^o. Isaac)

Com relação à identidade negra, o que eu entendo por identidade negra? É, essa forma de ser e de se reconhecer como pessoa dentro da sociedade. A cor, ela é fundamental, mas ela não é tudo. Então, numa sociedade que se divide como a nossa, que divide, como essa sociedade de certa forma se divide por desconhecimento criando preconceitos, então na verdade a cor vai fazer diferenças dentro dessas relações que a gente trava. Então eu me vejo sempre como uma pessoa que tem que reconhecer a importância de estar junto com os outros pela diferença que eu tenho por ser negra, mas de não me abater diante de coisas como essas que eu vivi na Universidade que é o racismo que os colegas manifestaram. Então, quando eu era criança, quando a gente ia pra escola, ia à pé, saia da minha rua à pé, chegava na catraia, atravessava o rio pra ir pra escola. E muita vezes nesse lugar que era o matadouro, as pessoas que estavam ali trabalhando, inclusive crianças,

homens, a maioria homens, poucas mulheres, muitos homens e algumas crianças, meus irmãos, inclusive trabalharam lá, virando tripa e fazendo, tirando óleo de mocotó, tirando tutano, trabalhavam com isso. Então, a gente passava e muitas vezes: picolé de açaí! (risos). Gritavam pra mim. Então, eu ficava, Meu Deus, lívida, eu ficava ali, Meu Deus, eu não parava de andar, ia embora e eu sempre pensava: ah, as pessoas estão me tratando desse jeito mas eu não sou picolé de açaí. Eu sou uma pessoa! (risos) Então, eu sempre é, não valorizei esse tipo de tratamento que eu recebia, como às vezes de colega, picolé de breu, ah, lá vai picolé de breu, picolé de açaí! Ah, negro quando não suja na entrada, suja na saída! Todas essas coisas eu ouvi. Ou indo pra escola, ou, muitas vezes, numa brincadeira e às vezes não era uma criança, era um adulto que insultava. E eu sempre pensava nisso: eu não sou isso, eu sou uma pessoa! E isso me deu sempre a condição de olhar as coisas de outra forma que não fosse essa de ficar humilhada com aquelas formas de tratamento, porque se não eu não avançaria, jamais iria sair daquela situação que a gente tinha lá. (Choro) Então, eu me reconheço nesse contexto em que diferentes pessoas, diferente grupos, diferentes etnias estão convivendo e eu convivo junto. Então, eu não posso me eliminar, pela humilhação que me fazem, eu me sentir humilhada, eu ficar humilhada, aliás, né? E por isso não me movimentar, não prosseguir. Então, é dessa forma que eu construo a minha identidade, nesse contexto. (Emocionada, Prof^a Valdete)

Munanga (1999) distingue três formas de identidade de origens diferentes: de resistência, produzida pelos atores sociais em posições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante; identidade-projeto, baseada no material cultural à sua disposição, onde os atores sociais constroem uma nova identidade que

redefine sua posição na sociedade e se propõem a transformar o conjunto da estrutura social; e a legitimadora, elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, com o objetivo de estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais.

Eu percebi, ao longo das narrativas, que o processo de constituição da identidade negra, por parte destes docentes, ocorreu de forma conflitante em situações de discriminação e preconceito raciais mediadas pelas relações sociais e economica dela(s). Ou seja, em sua maioria, estas identidades desenvolveram-se em situação de resistência. Vivem resistindo às situações manifestas de racismo institucional: na família, no bairro, na escola, na Universidade. Vão ultrapassando os limites impostos e superando as dores para firmarem uma autoestima positiva, mantendo o orgulho de ser negra(o) e afirmando uma identidade negra. E alguns vão além, posicionando-se no mundo, solidarizando-se com os demais negros.

Mas é importante considerar o destaque de uma docente sobre a apropriação dos valores negros pela classe dominante e para o perigo do discurso identitário no atual contexto pós-moderno, pois esse discurso ao invés de conduzir à libertação pode favorecer um novo processo de opressão via cooptao política e cultural.

Todavia, o modelo identitário que prevalece em nossa sociedade é o branco, eurocêntrico, hierarquizante que atribui aos negros a preguiça, a incompetência e a incapacidade intelectual. é a tentativa de desqualificar o negro enquanto uma pessoa, mas como diz uma depoente, **“E eu sempre pensava nisso: eu não sou isso, eu sou uma pessoa!”**.

Assim, as identidades negras constituíram-se na rede de relações sociais, nas famílias, nos bairros, nas escolas, diante das situações de piadas, brincadeiras e insultos. A humilhação causada pela discriminação racial revela o caráter relacional

da identidade.  é a expressão da ameaça à integridade social da identidade em disputa, ou seja, a identidade branca hegemnica. E o insulto racial funciona como uma tentativa de legitimar uma hierarquia social baseada na idéia de “raça” (Salles Jr., 2006). E foi justamente nos embates que elas e eles compreenderam o que era ser negra e negro.

Já Ferreira (2009) descreve o desenvolvimento da identidade em quatro estágios fundamentais para o processo de constituio da identidade dos afro-descendentes: estágio de submissão; estágio de impacto; estágio de militância e estágio de articulao.

Ao analisar as trajetórias dos depoentes busquei identificar estes estágios.

Ao longo destas trajetórias percebi mudanças quanto  assuno da identidade negra?

Ao longo da minha trajetória acadêmica eu percebi mudanças quanto à identidade negra a partir dessa situao: Se quer e se tem ajuda o negro pode. Afinal de contas, o negro construiu esse país. Uma questão que eu tenho com a minha identidade negra é que, com a relao a minha vaidade feminina, tenho muita dificuldade em conseguir um p facial que combine com minha, meu tom de pele. Tenho que ir a muitas lojas e realmente, eu reajo! Como que num país, onde a maioria  negra, vocês não tem um p facial pra nós?! É a minha cobrança sempre que eu faço, mas que cai no vazio. Assim que eu encontro um p na tonalidade de minha pele, tenho que comprar dois ou três, às vezes eu quero mais e não há. s vezes, só tem um. (Prof Elenir)

Bem, eu percebi mudanças ao longo dessa trajetória acadêmica porque a academia, ela, ela força com que você busque leituras e mediações, intermediações e mediações. Então, na busca disso a gente descobre e é isso que me deu uma coisa, que me mudou, foi perceber, através da ciência, o quanto a cultura negra é bonita, não é, o quanto ela é original e o quanto é medíocre, a cultura ocidental. A compilação das coisas, que eu já falei aqui, dos rituais, a compilação, no que se refere não somente, especificamente à África negra, mas à África que hoje é denominada o mundo Árabe, o Egito, que são componentes do grande continente africano e nós vamos ver as pessoas que têm uma tez mais escura, outras que foram se branqueando devido aos contatos com outros povos. Mas o quanto o ocidente, ele imita o oriente. E aí não é só na religião, é nas construções, nas habitações das construções de casas, são nos acessórios das casas e na cultura, no que se refere às atividades culturais, e aí a gente vai ver a história da dança, por exemplo. É uma coisa belíssima, se você for aprofundar o seu estudo, da origem de alguns tipos de dança e como a cultura ocidental tecnicizou essas danças. Ela tecniciza essas danças e atribui a elas um outro valor e essa população que, que vive à mercê de uma, uma visão dominante de cultura, acha que aquilo ali é uma criação daquele povo, não sendo. O que eu quero dizer (ênfase, bate à mesa) é o seguinte: ao longo da minha trajetória acadêmica eu fui descobrindo a importância e a beleza da cultura africana para o mundo (ênfase), para o mundo. (bate à mesa a Prof^a Heloísa)

Em relação às mudanças, eu já, quando eu fui pra Universidade, quando eu fui estudar, eu já era militante do movimento negro e militante dos movimentos sociais, eu comecei a militar muito cedo. Então, em Marília, nós passamos a militar no movimento negro, que era incipiente, mas a gente criou um núcleo dentro da

Universidade. É, passamos a militar, quer dizer, era uma mistura, militar no movimento negro, militar no partido político, militar no movimento por moradia, isto tudo foi construindo uma, uma, construindo e fortalecendo esses laços e que foi muito importante que nos fez compreender, me fez compreender que a questão do negro não poderia ser tratada como uma questão isolada, mas como uma questão contida dentro de outras questões, o que eu poderia chamar como uma questão de classe. É, mas sem fazer aquele, aquele proselitismo ou aquela tentativa de mascarar o processo, dizendo assim: ah, somos todos pobres, então a questão é de classe, da classe trabalhadora. Não, dentro da classe trabalhadora tem um grupo que era mais excluído que eram os negros. (Profº Luiz)

Então, ao longo dessas trajetórias acadêmica e profissional percebi mudanças quanto à assunção da identidade negra? Sim. Quando eu estudava filosofia eu era a única negra, mulher. Tinha um homem, um colega, era o Nelson Ferreira que foi criado por uma tia que era advogada. Imagina uma mulher negra, lá no início da segunda metade do século passado e tornar-se uma advogada. Eu tenho assim uma curiosidade de saber como foi a vida dessa mulher. Inclusive ela foi diretora do Instituto de Educação do Amazonas nos idos da década de 60, 70 e foi uma advogada, ela fez muita coisa. E o Nelson foi sobrinho dela, foi criado por ela e era meu colega de Filosofia. Então, lá naquele momento que a Faculdade de Filosofia oferecia nove cursos, praticamente nós éramos os únicos negros, eu e o Nelson Ferreira. Nossa turma de Filosofia, nós éramos quatorze alunos. Nas outras turmas, Pedagogia tinha mais gente. Mas muito pouco. Aliás, não, tinha mais uma colega, que era a Juraci que também era negra, é negra. Deve estar viva, a Juraci. Então, nós éramos três. Os outros todos eram brancos, dentro daquela Unidade que era o ICHL,

O Instituto de Ciências Humanas e Letras. Onde tinha outros cursos. A Faculdade de Educação foi criada depois, em 1975. Ficou só a Faculdade de Educação. O ICHL ficou separado. Então, muito pouca gente era negra. E nós fomos vendo isso ao longo dessa minha trajetória acadêmica e profissional, mudanças foram acontecendo, mudanças importantes, outros negros foram chegando de outras cidades e estão dentro da Universidade realizando trabalho de grande importância, de grande relevância e, portanto essas mudanças vão acontecendo aos pouquinhos. Ainda é muito pouca coisa, mas já se vê uma diversidade nesse sentido, não só dos negros, mas de outras etnias como índios, que agora a Universidade já está mais aberta e recebendo um maior número de indígenas dentro da Universidade. Já estão até na pós-graduação e acho que isso é um avanço enorme essa abertura que a Universidade tem hoje que é a incorporação desses setores. (Profª Valdete)

“Se quer e se tem ajuda o negro pode.” A afirmação desta docente é forte e indicadora das especificidades vivenciadas pela pessoa negra na constituição da sua identidade. Reportando-me às condições históricas, sociais e políticas da sociedade brasileira onde esta identidade foi construída, o elemento ajuda, apoio, suporte é fundamental para que se consolide uma autoestima elevada, positiva e confiante. O exemplo do pó de arroz, detalhe talvez insignificante, descartável, é revelador do lugar que a mulher negra ocupa na nossa sociedade, a maior nação negra fora da África. Principalmente, ao considerar que esta mulher negra agora ocupa um lugar que não é, historicamente, seu e lhe é exigida, portanto, uma disciplina com o corpo e com a aparência acima do normal, ou melhor, mais do que se exigiria de uma mulher branca. De outra sorte, esta exceção, de docente negra do ensino superior, seguiria a regra, a de tornar-se mais uma empregada doméstica, destino da maioria

das mulheres negras no Brasil. Ao evidenciar tais características concluo que o estágio de submissão foi superado e que ela encontra-se no estágio de impacto.

Quanto aos demais depoentes, demonstrada a inserção deles e dela nos movimentos sociais, percebe-se que o estágio de impacto foi superado e encontram-se no estágio da militância, com ênfase na fase acadêmica.

As identidades negras delas e deles saíram fortalecidas porque não precisaram negar a si mesmas nem aos elementos da cultura negra. Porém, alguns elementos constitutivos da identidade negra foram reelaborados durante as carreiras docentes. Ou seja, num movimento de construção e reconstrução, significação e ressignificação de elementos da cultura negra, os quais podem ter sido determinantes na manutenção da assunção de uma identidade negra. O que pode ser analisado a partir dos trechos que seguem.

Ao longo destas trajetórias: descobri, redescobri ou incorporei símbolos da cultura negra?

Eu não tenho participado muito das atividades da cultura negra, mas um livro que eu tenho lido e sempre recomendo é *A casa da água*, é um livro que mostra o caminho inverso do negro, retornando à África e a vitória dos protagonistas no retorno àquele país, àquela nação, àquele continente. Então, eu insisto nisso: se quer e se pode ter ajuda, o negro pode obter a realização dos seus sonhos! Meu sonho, ser professora. Eu poderia ter realizado apenas pelo fato de ter obtido o curso normal. Mas eu entendo como cristã que Deus sempre consegue coisas para além daquilo que nós sonhamos. Então, fui uma professora pela escola normal, fui uma professora

pedagoga por ter obtido o curso de pedagogia numa Universidade Federal, a melhor e a maior Universidade. (Prof^a Elenir)

Descobri, redescobri e incorporei alguns símbolos sim, da cultura negra. Eu sou de família brasileira e como toda família brasileira é uma cultura que tem os traços da África, da Ásia e da Europa. Isso se torna mais visível porque têm alguns que têm a tez mais clara, outros que têm a tez mais escura (risos), outros que têm intermediário, uns que têm o narizinho mais largo, outros que são afilados, e assim é. Eu agora estou de frente aqui pra uma jovem que tem um rosto extremamente fino, um narizinho fino (vai aumentando o tom de voz), o rostinho fino, não é verdade? (risos) Mas é isso, Brasil é isso. Mas justamente por que ele é assim que nós temos que fortalecer cada um desses pontos. E como eu, dentro da minha família, eu tenho a tez mais escura, eu resolvi fortalecer a minha cultura a partir da cor da minha tez. E pra mim foi muito legal redescobri, por exemplo, os caracoizinhos dos meus cabelos. Estou, agora, deixando ele. Ele não é totalmente preso na cabeça, mas ele é uma coisa assim, que eu hoje eu acho bonito. Eu me acho, inclusive (risos), uma mulher muito mais bonita quando eu ponho um turbante. E eu gosto de tirar fotos com panos na cabeça. Esse lado assim, meu (pausa), de me achar bonita, hoje eu trabalho muito mais por este lado. E assim, a gente se, eu me descobri gostando de mim mesma, muito mais desse lado do que do outro. Foi uma influência que tinha da família. Sobretudo assim, da família da minha mãe, mas eu me descobri muito mais interessante. Isso do ponto de vista da estética. Do ponto de vista da religião, eu aprendi a respeitar. É, aprendi a, sobretudo, a entender que, quem tem que dar conta do demônio e do pecado, é quem criou. Eu hoje sou católica, cumpro com as minhas obrigações dentro do

catolicismo, mas não tenho mais esse, essa preocupação, não é, de dar conta dos demônios e dos pecados porque não fui eu quem inventei. E quando você passa a trabalhar isso do ponto de vista intercultural, do ponto de vista de conhecer como é que isso estava na origem das coisas, aí você vai se descolando e compreendendo a formatação que é dada para determinadas explicações, que são postas e que essas explicações, obviamente, atenderam a determinados momentos da história e, sobretudo, atenderam a determinadas formatações dos estados nacionais. Se eu não tivesse esse entendimento, de fazer esta relação entre a formação dos estados nacionais e o respeito ou não às culturas originárias, se tornaria muito complicado, hoje, entender os processos de rearranjo que foram feitos no mundo (ênfase). Eu vou dar como exemplo, um que não envolve diretamente o continente africano, mas um exemplo é o Leste Europeu. A reformatação do Leste Europeu se dá por uma luta entre as etnias do Leste Europeu. Quer dizer, então, a necessidade que hoje o mundo globalizado tem de rever essas situações e a cultura ganha uma centralidade. É, há uma necessidade também de todos nós revermos de que forma essa diversidade cultural, por exemplo, ela é trabalhada quando da formatação do nosso estado nacional. A partir de quando e o como algumas culturas e algumas formas de organização, elas passam a ser esquecidas e outras privilegiadas, quando é que a gente começa a desqualificar algumas culturas e a desprivilegiar outras. Então, é algo, é um exercício que nos ajuda a nos apaixonarmos ou não, por uma cultura ou outra. (Profa. Heloísa)

Sim, com relação à cultura negra. Essa coisa do preconceito. Vou dar aqui um exemplo, meu pai era espírita. Na minha casa nunca vi ninguém fazendo qualquer ritual de umbanda. Então, a gente ouvia falar dos terreiros lá no São Jorge, mas

nunca houve uma aproximação da minha família com essa cultura, certo? A família ficava dividida. Meu pai era espírita, minha mãe era católica e também essa negação das formas de expressão cultural da cultura negra. Então, eu estava vendo outro dia uma professora de História que passou a adotar essa religião da cultura negra. Então, eu disse: e eu, o que que eu estou fazendo? (risos) Puxa vida, eu nunca fui a um terreiro, nunca vi nada desse mundo. É uma ignorância! (Profa. Valdete)

Percebi que no curso das trajetórias acadêmica e profissional destas e destes docentes são descobertos, redescobertos e incorporados novos símbolos da cultura negra. Esta simbologia é um dos fundamentos do constructo da identidade negra.

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p.79)

É perceptível que o ingresso na Universidade proporcionou a aquisição de novos conhecimentos e de novas simbologias. Assim essas identidades foram ressignificadas, sem perda da referência primária. Uma docente consegue incorporar à sua identidade valores estéticos ainda desconhecidos. O que nos faz refletir sobre a seguinte afirmação: “o negro toma o branco como referencial para afirmar-se ou para negar-se”. (SOUZA apud SANTANA, 1999, p. 222) Mas, não lhe cabe simplesmente ser - há que estar sempre alerta, não necessariamente para agir, mas sobretudo para evitar ataques racistas. É neste contexto que o negro tem que “se impor”, através da postura, da etiqueta, do modo de vestir-se. E, como consequência, perde a espontaneidade.

“Então, eu insisto nisso: se quer e se pode ter ajuda, o negro pode obter a realização dos seus sonhos”. Ela insistiu nisso e eu também vou insistir, no poder que a autoestima positiva teve na formação da identidade pessoal, profissional e étnica, imprimindo-lhe confiança e dando-lhe esperanças para prosseguir na busca da realização de seus sonhos. O esforço individual, associado ao apoio da família e dos amigos, possibilitou-lhe alcançar um patamar acima do, inicialmente, almejado, o magistério da educação básica, já que hoje se encontra no magistério superior. E esta fato, isolado, pode servir de motivação para que outras mulheres negras lutem pela realização de sonhos semelhantes.

E na tentativa de concluir este tema, averigüei o grau de inserção destes docentes nos movimentos negros.

Particpei ou participo do movimento negro?

É, se eu particpei de organizações do movimento negro. Existia como eu falei aqui, um movimento que se chamava MOAN, o movimento alma negra. Ele se reunia lá no SESC-SENAC, e até hoje, acho que ainda é no mesmo local, na Rua Henrique Martins e tinham poucos estudantes que se interessavam. Na época, aliás, universitários e alguns jogadores de futebol que chegavam aqui (risos) e que freqüentavam o Sesc e iam. De Minas Gerais, do Rio de Janeiro, eram os jogadores que mais viam aqui pros clubes da época, que eram o Rio Negro e o Nacional e eles também participavam. Então, nos últimos anos eu não tenho participado diretamente do movimento, mas tenho sido solicitada, como fui pelo MEC-SECAD para acompanhar algumas conferências fora do Amazonas e também a ser delegada pela

MEC-SECAD na Conferência Nacional de Mulheres. Então a minha participação, ela vem acontecendo nesse patamar. (Prof^a Heloísa)

Bem, a minha iniciação na verdade, foi mais assim em movimentos, em participar de reuniões de sindicatos, não assim muito como militante, mas de participar sempre favorável aos sindicatos, principalmente, aos sindicatos independentes, pela luta sindical, sempre favorável às lutas sindicais, à luta dos trabalhadores e é claro que eventualmente, sempre, muitas das vezes, acabava sendo convidado para participar deste ou daquele movimento negro. Aqui em Manaus, por exemplo, fui convidado pelo Nestor Nascimento para participar do movimento que ele presidia. Fui a várias reuniões do movimento Alma Negra, que ele chamava Moan. É claro que também participei de algumas reuniões, mas eu falei com o Nestor, quando ele era vivo, que na verdade o Moan deixava muito a desejar. Eu sugeri a ele que o movimento deveria fazer não só, assim uma atividade didática, entre os próprios negros, fazer cursos no sentido de conscientização sobre a questão negra, isso faltava muito em Manaus, por exemplo. E que o Moan não deveria ser somente uma Instituição de se manifestar no dia da consciência negra, nos jornais, fazer entrevista sobre o problema do negro, mas ter assim, uma atividade mais prática. Isso eu falei com ele, falei em algumas reuniões, mas o Moan também nunca passou muito disso. Eu nem sei que fim levou o Moan, depois da morte do Nestor Nascimento. E venho acompanhando os movimentos negros pelo Brasil afora, venho acompanhando as discussões, algumas delas, eu concordo com algumas posições, discordo de algumas delas, por exemplo, em relação a luta do movimento negro pelas cotas, por exemplo, e isso tem dividido o movimento, no sentido de que essas cotas oferecidos pelo Lula, por exemplo, nas particulares,

existem setores do movimento negro que apóiam e que acham que foi uma grande conquista, mas eu concordo com aqueles que dizem que não era essa cota que nós defendíamos, o que nós defendíamos realmente era a cota, era um ajuste da sociedade brasileira com o movimento negro como um todo, . É claro que vão me perguntar, ah, mas, é, como fica, como é que a sociedade brasileira vai indenizar a grandes números de descendentes dos negros, e penso que se negros brasileiros fossem indenizados, talvez eu não fosse indenizado porque eu sou filho de britânicos, eu teria que ser indenizado por Barbados, né, (risos) mas aí me perguntam, também como é que negros brasileiros vão ser indenizados e eu digo, olha, eu sempre respondo: é só você ir lá no banco da Inglaterra, que toda a riqueza que a Inglaterra, que, que a Grã-Bretanha, recebeu pela espoliação e pela exploração de negros na África através do tráfico negreiro está lá no banco da Inglaterra. As elites brasileiras acumularam riquezas, elas têm dinheiro nos seus bancos, nos bancos brasileiros e nos bancos estrangeiros. É só a gente tirar o dinheiro que foi transportado pra lá e repartir entre os descendentes dos negros, talvez isso seja utopia mas nós temos que lutar por isso. [...] E, toda essa trajetória, várias vezes, como eu disse, eu participei, assim, de reuniões, de movimentos de colegas que participavam de grupos que nos convidam pra discutir a questão do negro no Brasil. Eu acompanhava a literatura no Brasil sobre isso. Aqui em Manaus, por exemplo, tive oportunidade de participar de reuniões do movimento Alma Negra, que era dirigido pelo Nestor Nascimento, e, eu dei a minha contribuição no sentido de dizer o que eu pensava que o movimento negro deveria ser. Eu sei, eu penso, a minha percepção, é de muitos desses movimentos eram até moderados. Eu penso que eles me percebiam assim, até um pouco radical. Mas, a minha contribuição, eu penso que o movimento negro deve, deve ser mais incisivo na sua luta, deve participar

ativamente, vamos dizer assim, na conscientização do próprio negro. Então, essa foi a minha contribuição, no sentido de dialogar com os movimentos. E na medida do possível continuo ainda fazendo isso. Não só através do diálogo com quem participa desses movimentos, mas até mesmo produzindo textos sobre esta questão. (Profº Isaac)

É, uma vez me perguntaram por que eu não militava, ainda que eu eventualmente escreva alguma coisa, ainda que eu participe de debates e seja, seja um formador de opinião em relação a isso, porque eu não tava militando no movimento negro? Algumas pessoas me perguntaram e outras me cobravam, me cobraram e me cobram. Uma das razões que eu entendo é porque como eu comecei a militar muito cedo, treze, quatorze anos de idade já militava no movimento negro na construção do que ele é hoje e, aqui em Manaus, o movimento negro está iniciando, vamos dizer assim, do ponto de vista contemporâneo, ainda que tenha uma história com outras, outras personagens e tal, mas aqui tem um processo ainda em construção, é eu tenho a sensação, as tentativas que eu tive, de, eu experimentei de frequentar, me deu uma sensação de *deja vu*. Uma sensação, e, mas de novo isso, já passei por isso. Então, e isso tava me deixando impaciente, tava me tornando um chato. Talvez por causa da idade, também, a gente vai ficando mais velho e vai ficando mais chato. Mas o fato é que a impressão que eu tenho é que eu não vou contribuir muito porque o estágio, o processo de desenvolvimento do grupo é um processo que é... As tentativas... Eu fico às vezes, às vezes que eu participava eu queria dizer: não, olha, essa questão está superada, vamos por aqui, o caminho é esse! E é um erro porque na verdade, de duas uma, ou esse movimento se constrói por seu próprio caminho, ainda que seja mais lento, ainda que tenha que rever

aqueles processos, eu acho que eles precisam, o movimento vai precisar fazer isso pra poder conquistar a tua emancipação. E eu não tenho me visto como um colaborar nessa direção, então pra não atrapalhar muito, eu resolvi me afastar, ainda que eu esteja a serviço deles, sempre que preciso e que eu posso, eu estou contribuindo de alguma forma. Eu acho que é isso. (Profº Luiz)

Agora em relação às organizações e ao movimento eu participei bastante no Rio de Janeiro quando eu estava fazendo Mestrado, nessa fase de 77, eu participei durante todo o período que eu estudava, de projetos, de organizações e quando voltei pra Manaus também ajudei. Já tinha os grupos lá, eu participei. Aí depois com essas idas pra o interior, aí já foi enfraquecendo a minha participação. Depois que eu vim, nunca mais eu consegui, assim, me articulação com essas pessoas. Quando eu venho a Manaus, eu venho muito rápido eu não consigo ver ninguém. Tinha o grupo da Praça 14, quando o Nestor Nascimento era, estava vivo, então, com ele a gente participava muito dos movimentos, ia pros encontros nacionais, fizemos encontro em Manaus, pra desenvolver esse movimento com relação a questão do negro na região amazônica. Mas, foi muito pálida essa participação, inclusive, muito pálida porque é, seria importante que dentro da minha família os meus irmãos também pudessem compartilhar. Eu nunca consegui convencê-los a participar. Então eu acho que eu não tive, assim, essa força de participar, de como eu estava engajada, mas eles não se centralizavam. Então eu considero isso uma fraqueza da minha parte de não poder fazê-los participar ativamente de movimentos que são relevantes pra gente poder defender mais os interesses que nós temos como negros. (Choro contido) Não de forma separatista, mas de como a gente pode melhor (ênfase)

conviver na sociedade e ter claro qual é a nossa diferença e a nossa igualdade.
(emocionada) Mas é isso! (Profª Valdete)

Ainda segundo Ferreira (2009), o último estágio de constituição da identidade é o estágio de articulação, aquele que propicia a construção da alteridade. Neste sentido, quis descobrir o nível de articulação destes docentes negra(o)s ao questioná-los sobre sua inserção nos movimentos negros. De forma que pude constatar que há uma diferenciação no grau de participação efetiva entre eles e elas, uma evidência de que ainda estão trilhando o caminho em busca da alteridade, ou seja, de relações com outros pares num movimento conjunto para superação da discriminação e do preconceito raciais.

[...] A militância é um espaço em que a vergonha de ser negro pode transformar-se em orgulho de ser negro, em que o indivíduo pode desenvolver uma identidade articulada em torno de qualidades positivas e passa a ter nova história, além de intensificar a luta, que já vinha desenvolvendo desde o início da escravidão, por sua afirmação, agora com companheiros articulados em âmbito mundial, na área governamental, na não-governamental e na academia. (FERREIRA, 2009, p. 171)

Enfim, ao estabelecer como questão norteadora detectar as mudanças ocorridas em relação à assunção da identidade negra no decorrer das trajetórias desta(e)s docentes busquei analisar o processo de construção e reconstrução dessas identidades. Assim, notei que a constituição da identidade pessoal de cada um(a) perpassou por um emaranhado de relações sociais particulares, próprias a cada um(a), ainda que tenham em comum o fenótipo negro e que sejam identificados pelos outra(o)s enquanto negra(o)s. Em outras palavras, essas identidades correspondem a “processos pessoais e coletivos de busca e conquista de reconhecimento social e envolve, assim, um conjunto complexo de escolhas e

negociações múltiplas e simultâneas, que são informadas por mitos, desejos, experiências e conhecimento” (COSTA, 2002).

REFERÊNCIAS

COSTA, Sérgio. A construção sociológica da raça no Brasil. *Estudos Afro-asiáticos*, São Paulo, ano 243, n. 1, p. 35-61, 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

GOMES, Nilma. Cultura negra e educação, *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/jun./Jul./Ago, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.18, p. 54-60, 2004.

RAMOS, Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira, *Cadernos de Nosso Tempo*, n. 2, p.189-220, jan./jun. 1954. Republicado em SCHWARTZMAN, Simon. *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*, Brasília, p. 39-69, 1981.

SANTANA, Ivo de. Executivos Negros em Organizações Bancárias de Salvador: Dramas e Tramas do Processo de Ascensão Social. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 23, p.195-234, 1999.

Recebido em 30/9/2009.

Aceito em 3/12/2009.

Sobre a autora

Ednailda Santos é pedagoga com mestrado em educação pela UFAM e professora da Universidade Federal do Amazonas.

e-mail: Ednailda@hotmail.com